



**O ENSINO REMOTO NO CONTEXTO DE PANDEMIA COMO EXPERIÊNCIA
FORMADORA NO CURSO DE HISTÓRIA NA UFT (ARAGUAÍNA-TO)**

**THE REMOTE TEACHING IN THE PANDEMIC CONTEXT AS A FORMATIVE EXPERIENCE
HISTORY COURSE AT UFT (ARAGUAÍNA-TO)**

**LA ENSEÑANZA A DISTANCIA EN EL CONTEXTO DE UNA PANDEMIA COMO EXPERIENCIA
FORMATIVA EN EL CURSO DE HISTORIA DE LA UFT (ARAGUAÍNA-TO)**

Giovanna Queiroz Carvalho de Sá¹
Sariza Oliveira Caetano Venâncio²

RESUMO

Esse artigo busca analisar como se deu o ensino remoto dentro da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Araguaína durante a pandemia do Coronavírus (Covid-19). Lançamos mão da análise documental, para traçar os caminhos percorridos pela universidade sobre o retorno das aulas de forma remota e seus desafios, e da História Oral para entender a experiência vivida por estudantes de História em vias de conclusão do curso. Para a análise dos dados, partimos do conceito de experiências formadoras proposto por Marie Christine Josso (2004; 2007) para compreender as experiências desses discentes concluintes, seus redesenhos de pesquisas, de projetos, de metodologias e de sonhos.

PALAVRAS-CHAVE: Experiências formadoras. UFT. Curso de História. Araguaína. Pandemia.

ABSTRACT

This article aims to analyze how remote teaching took place within the Federal University of Tocantins (UFT), Araguaína campus during Coronavirus pandemic (Covid-19). Based on a documental analysis, we were able to trace the paths thought and carried out by the university and the History course on the return to classes remotely and its challenges. We were also able to understand, by Oral History, how the experience was specifically lived by History students finalizing the course. We analyze the interviews from Marie Christine Josso's concept, formative experiences (2004; 2007) to understand the redesign of research, projects, methodologies, and dreams by these students.

KEYWORDS: Formative experiences. UFT. History course. Araguaína. Pandemic.

RESUMEN

Submetido em: 14/04/2022 – **Aceito em:** 09/08/2022 – **Publicado em:** 06/10/2022

¹Graduada em História pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). <https://orcid.org/0000-0001-5959-2512>. <http://lattes.cnpq.br/7245441680298040> E-mail: giovanna.q.c.s@gmail.com

²Doutora em Antropologia Social pela Unicamp. Professora do curso de História e do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). <https://orcid.org/0000-0001-9035-9903> <http://lattes.cnpq.br/0694162308436554> E-mail: sarizacaetano@gmail.com

Este artículo busca analizar cómo se desarrolló la enseñanza dentro de la Universidad Federal de Tocantins (UFT), campus Araguaína, durante la pandemia del Coronavirus (Covid-19). Hicimos uso del análisis documental, para rastrear los caminos recorridos por la universidad en el regreso de clases a distancia y sus desafíos, y de la Historia Oral para comprender la experiencia vivida por los estudiantes de Historia en el proceso de finalización del curso. Para el análisis de los datos, partimos del concepto de experiencias formativas propuesto por Marie Christine Josso (2004; 2007) para comprender las experiencias de estos graduados, sus rediseños de investigación, proyectos, metodologías y sueños.

PALABRAS CLAVE: Experiencias formativas. UFT. Curso de Historia. Araguaína. Pandemia.

INTRODUÇÃO

O Coronavírus apresentou seus primeiros sinais ainda em 2019, e com muita rapidez multiplicou-se e chegou a todo o globo. Ainda que os avanços históricos da medicina sejam impressionantes, ficou evidente para grande parte da população que uma das formas de prevenção mais eficazes e defendidas por especialistas é o uso de máscara e o isolamento social. Estas ações evitariam e, como de fato evitaram, uma quantidade de mortes mais expressiva que essa que estamos vendo no Brasil e no mundo.

No campo da educação, sobretudo no quesito ensino e pesquisa, refletiu-se com muita preocupação sobre como prosseguir com as aulas e metodologias de contato mais direto com os interlocutores como é o caso da História Oral para os historiadores. Como encontrar-se presencialmente? Como demonstrar afetividade nas entrevistas orais à distância? Como criar laços de confiança em entrevistas não presenciais? Como seguir o rigor metodológico de algumas metodologias de pesquisas? Questionamentos como esses pairaram e ainda pairam na mente de muitos estudantes, especialmente na daqueles que se encontram na reta final de seus cursos e precisam apresentar um trabalho final pautado em pesquisa de campo. Santiago e Magalhães (2020, p. 4) nos lembram que durante a pesquisa “o corpo do próprio pesquisador torna-se objeto de preocupação e educação, já que sua presença, em campo, é transformadora e construtiva – criadora de uma situação e de um produto, a narração e a narrativa, que não existem sem sua intervenção”. A questão é que, no contexto da pandemia, as preocupações tomaram outras dimensões; são preocupações de vida e morte, de saúde e de doença.

Em virtude das inquietações levantadas acima é que surge a proposta desse artigo em analisar como se deu o ensino remoto na Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Araguaína. Contudo, interessa aqui especificamente a experiência vivida por estudantes de História em vias de conclusão do curso durante a pandemia do Covid-19 e como essas experiências se tornaram formadoras deles enquanto futuros professores.

Desse modo, essa discussão será desenvolvida à luz do conceito experiências formadoras proposto por Marie Christine Josso (2004; 2007). Ela aponta que a formação a partir das

experiências se dá através de uma abordagem multireferencial, por meio de diferentes registros do nosso pensar; com a possibilidade de evidenciar e questionar as histórias centradas na formação. As experiências formadoras ajudam a refletir e compreender os processos de formação dos sujeitos, na pluralidade, fragilidade e na mobilidade de suas identidades, sendo assim possível compreender o que seriam os laços atribuídos para explicar as ligações consigo mesmo e com os outros, sejam elas as que sustentam, prendem, machucam ou libertam (JOSSO, 2004).

Além disso, a autora fala do ser-no-mundo como um projeto de conhecimento coletivo e individual, ou seja, existir é ser na vida, ser em ligação, em relação nosso ser-no-mundo, nosso ser singular-plural. A partir dessas reflexões procuramos analisar a relação dos estudantes aqui entrevistados com suas famílias no ambiente privado, assim como com a universidade e seus colegas de modo geral. Nos interessou ainda compreender de que forma as experiências ligadas ao processo de se tornarem professores no período da pandemia foram formadoras e transformadoras para o ser deles no mundo. Para tanto foi preciso perceber como a universidade se organizou mediante as novas circunstâncias. Assim, veremos como a UFT criou mecanismos para continuar o ensino e a aprendizagem, e como foi necessário um redesenho de pesquisas, de projetos, de metodologias e de sonhos por parte dos estudantes.

PESQUISA EM TEMPOS DE PANDEMIA

A primeira percepção do impacto da pandemia na vida acadêmica surgiu para nós, discente e docente, quando tivemos que mudar o rumo do projeto de pesquisa para a conclusão do curso. No começo do ano de 2020, pensamos em analisar de que forma era apresentada a educação sexual aos estudantes dentro de uma escola de Ensino Médio em Araguaína-TO, e quais eram as contribuições e desafios desse tipo de ensinamento para a vida deles. Contudo, devido a pandemia, as aulas presenciais foram suspensas impossibilitando a realização das entrevistas.

Em outubro de 2020, fizemos a primeira mudança de tema de pesquisa. Procurávamos compreender, naquele momento, qual era a percepção dos técnicos em enfermagem da Unidade de Pronto Atendimento de Araguaína sobre a pandemia do Covid-19, e para tanto lançaríamos mão da metodologia de História Oral. Contudo, a pesquisa foi impossibilitada porque a unidade de saúde não autorizou a realização das entrevistas por conta de uma investigação de caráter criminal que foi aberta contra eles pela Polícia Federal.

Sendo assim, em março de 2021, procuramos novos caminhos de pesquisa e fizemos novas leituras para realizar o trabalho de conclusão de curso (TCC). Tivemos que lidar com as

dificuldades da escrita e com os sentimentos trazidos pela pandemia e logo suas consequências, como frustrações, medo e insegurança. Diante desse cenário de tentativas frustradas e incertezas decidimos entrevistar outros estudantes que estavam finalizando o curso e analisar as dificuldades e estratégias desenvolvidas para realizar pesquisas e se formar no meio de uma pandemia. Do mesmo modo, nos interessava saber como todas essas experiências contribuíram para a formação deles.

As entrevistas, que em sua grande maioria eram para ter sido presenciais, tomaram uma forma diferente, passando a utilizar outras tecnologias, web chamadas através da plataforma *Google Meet*, mesmo canal utilizado pela UFT para as aulas remotas. Esse instrumental contribuiu até mesmo para ter contato com estudantes que na cidade já não mais estavam. Com a pandemia, a suspensão de aulas presenciais, o início de aulas remotas, os cortes de bolsas e aumento do número de desempregos, muitos universitários voltaram para as suas cidades de origem. Assim, o universo virtual possibilitou que o convite para participar da pesquisa fosse feito para todos que se formaram em História na UFT no calendário acadêmico de 2020/1 e 2020/2.

O convite se deu através do *WhatsApp*, e como ocorre em qualquer pesquisa acadêmica, houve alguns impasses quanto à mensagem acima: muitos estudantes não chegaram a visualizar as mensagens; alguns apenas visualizaram, mas não responderam; outros justificando vergonha ou falta de tempo recusaram o convite; outra só aceitava participar caso as perguntas fossem disponibilizadas de antemão, o que não aconteceu; outros concordaram, mas os imprevistos e desencontros acabaram por não possibilitar a participação deles nesta pesquisa.

Ainda que todos esses problemas pareçam desanimadores, Alberti nos lembra que é importante estarmos preparados para ver pessoas negarem por não terem tempo para realizar determinado depoimento, ou por não estarem preparadas. Por fim, “essas circunstâncias forçosamente alteram a listagem inicialmente elaborada e podem resultar na substituição dos nomes antes considerados por outros” (ALBERTI, 2004, p. 32). Assim, o trabalho aqui realizado, após os percalços relatados, teve como entrevistados seis estudantes do Curso de História que conseguiram se formar nesse período de pandemia: Daniel Leda Arruda nascido em Formosa da Serra Negra, TO; Daniel Pereira da Silva Alencar de Babaçulândia, TO; Gabriel Queiroz dos Santos de Itacajá, TO; Maria Santos de Sousa natural de Imperatriz; Josiel Ferreira dos Santos nascido em Tocantinópolis, TO; e Kirk Patrick Vulcão natural de Cametá, PA.

Se a pandemia impulsionou as tecnologias para proporcionar, ainda que virtualmente, proximidade entre as pessoas, com a mesma velocidade surgiram as reflexões sobre pesquisas que pedem o corpo a corpo. Santhiago e Magalhães (2020) nos apresentam as transformações que as tecnologias causaram dentro da História Oral nesse momento ímpar que estamos vivendo. Segundo eles, os sujeitos, sejam eles pesquisadores ou pesquisados, reconfiguraram os conceitos de ausência e presença como pressuposto para a produção de conhecimento.

Em se tratando das entrevistas *online*, os autores apontam como um ponto positivo o fato da não necessidade de uso do gravador de voz, uma vez que grande parte das plataformas de encontro dispõe de gravação de voz e vídeo. Contudo, eles reafirmam a obrigatoriedade de o consentimento do entrevistado em poder gravar ou não o diálogo. Santhiago e Magalhães (2020) ainda apontam a necessidade de fazer uma revisão bibliográfica sob a perspectiva de pesquisas de/em história oral nesses novos tempos, visto que princípios e elementos que embasam a metodologia podem sofrer ruídos na hora da análise como é o caso da

[...] oralidade (e com ela seus recursos expressivos, como a entonação, a qualidade vocal, entre outros), a imediatez (a narração e a escuta acontecendo em simultaneidade, garantindo a elaboração em tempo real dos relatos de memória, cuja flexibilidade é constricta ao próprio desenrolar da entrevista), a dialogicidade (a possibilidade de reação e interferência e a flexibilização dos papéis desempenhados na entrevista), a situacionalidade (o acesso, mesmo que relativo, ao contexto no qual o narrador está inserido no momento da narração). (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020, p. 6).

Em síntese, ainda que se tenha um cenário novo, não há pormenores que impeçam a realização de entrevistas *online*, desde que estejam concomitantemente pautadas com os rigores metodológicos da história oral.

Assim, foi no movimento da entrevista, não antes, que se desenharam os objetivos da pesquisa de forma mais clara, valendo-se sempre do entrevistado como parte essencial para a concretização dele. Desse modo, ainda que nosso objetivo inicial fosse compreender como as experiências acadêmicas da pandemia foram formativas para os egressos, muitos outros detalhes e inquietações surgiram durante as entrevistas que se tornaram chave de análise para este trabalho. Assim, vemos que a História Oral é sempre um movimento humano, acolhedor e recheado de aprendizagens.

CONTEXTUALIZANDO: ARAGUAÍNA E A PANDEMIA

Nos defrontamos com as diversas territorialidades que emergem dos diferentes sujeitos que compõem esse estudo/pesquisa; esses estudantes, recém-formados, são pertencentes à grande região denominada como Vales do Rio Araguaia e Tocantins (CORMINEIRO, 2010), que em tese engloba os estados do Pará, Maranhão e Tocantins. Segundo Aguiar et al (2020, p. 154) “esse entroncamento urbano e rodoviário possui uma importante integração interna, com interações de centros locais e sub-regionais entre eles e em direção às cidades regionais, Araguaína, Marabá e Imperatriz”.

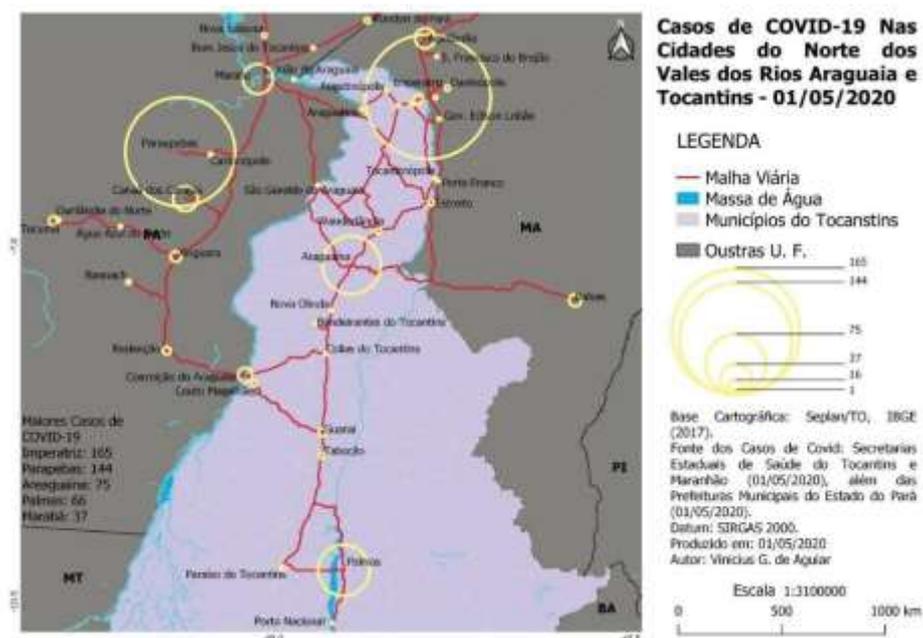


Figura 1.

Fonte: Aguiar et al (2020, p. 154)

A figura acima é um recorte dos mapas utilizados pelos autores em que mostram como as unidades federativas estão em conexão e como os casos de Covid entre elas foram se potencializando com o passar dos meses. É de extrema importância esses dados uma vez que estamos lidando com estudantes que inter cruzam diária ou semanalmente esses Estados com o propósito de estudar. Os estudantes concluintes aqui entrevistados encontram-se incluídos dentro desse triângulo regional, PA - TO - MA, e mesmo com todos os perigos de transmissão da doença tiveram mudanças na rotina diária dos seus estudos. Percebemos que eles são o retrato da maioria dos estudantes da UFT. Daniel Leda e Maria Santos voltaram e permaneceram em suas cidades de origem, devido às dificuldades financeiras, a falta de bolsas, o medo da doença em relação aos seus familiares, a distância e a não perspectiva de permanência na cidade, já que o que os trouxeram a Araguaína foi as aulas serem presenciais.

Gabriel Queiroz precisou se arriscar e viajar para a cidade de sua mãe, em Goiânia (GO), pois, segundo ele, só assim seria possível a conclusão do curso e até mesmo acompanhar as aulas remotas, já que onde ele mora em Araguaína, não tinha um ambiente propício para os estudos e nem a colaboração dos seus familiares. Outras situações aconteceram, como nos contou Daniel Alencar que mudou de cidade devido uma proposta de emprego; e Kirk Patrick e Josiel que mesmo permanecendo na cidade, estavam constantemente em contato com pessoas devido

aos seus empregos e, logo, expostos à ambientes propícios de contaminação que os colocavam em risco, e a seus familiares.

Por isso foi necessário pensar estratégias para a realização das entrevistas de modo a não colocar nem a vida da entrevistadora e nem dos entrevistados em risco. Sendo assim, como apresentado, as entrevistas ocorreram por meio da plataforma *Google Meet*, e quaisquer outras dúvidas surgidas durante a escrita do trabalho foram solucionadas através de telefonemas ou mensagens pelo *WhatsApp*.

É importante ressaltar que essas ferramentas também auxiliaram na pesquisa quando da necessidade de compreender como o colegiado de História e a própria UFT buscaram meios para lidar com a continuação do ensino no contexto da pandemia. Desse modo, lançamos mão da análise documental das dezenas de reuniões gravadas via *Google Meet*, e disponibilizadas para a pesquisa, as quais nos ajudaram a traçar o histórico das discussões e decisões sobre a temática.

PANDEMIA E O ENSINO REMOTO DA UFT

Os desafios educacionais que a pandemia do Coronavírus trouxe foram motivos de diversos embates teóricos-metodológicos envolvendo diversos órgãos da educação. As tecnologias da informação e comunicação (TIC): *AVA*, *Google Meet*, *Microsoft Teams* e tantos outros recursos disponíveis pela web, foram essenciais para se pensar na aplicação das chamadas aulas remotas, como forma de dar continuidade ao tripé que move ou deveria mover a educação brasileira: ensino, pesquisa e extensão.

Assim, passa-se a compreender como ensino remoto a “transposição de práticas e metodologias do ensino presencial para as plataformas virtuais de aprendizagem” (SOUZA, 2020, p.113). Elmara Pereira de Souza (2020) esclarece que no ensino remoto,

[...] o ensino presencial físico (mesmos cursos, currículo, metodologias e práticas pedagógicas) é transposto para os meios digitais, em rede. O processo é centrado no conteúdo, que é ministrado pelo mesmo professor da aula presencial física. Embora haja um distanciamento geográfico, privilegia-se o compartilhamento de um mesmo tempo, ou seja, a aula ocorre num tempo síncrono, seguindo princípios do ensino presencial. A comunicação

é predominantemente bidirecional, do tipo um para muitos, no qual o professor protagoniza vídeo-aula ou realiza uma aula expositiva por meio de sistemas de webconferência. Dessa forma, a presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula geográfica são substituídas por uma presença digital numa sala de aula digital. No ensino remoto ou aula remota o foco está nas informações e nas formas de transmissão dessas informações. (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 9 *apud* SOUZA, 2020, p. 113).

Não muito diferente do que a autora afirma, a resolução nº 28, publicada pela UFT em 2020, esclarece que o ensino remoto (*Online*) é “o conjunto de atividades acadêmicas realizadas nos componentes curriculares dos cursos de graduação presencial com mediação tecnológica em momentos síncronos e assíncronos durante o período de isolamento social com restrição total da presença física” (art. 1, MPV 934/2020).

O ensino remoto, nesse contexto mundial de pandemia, apresentou-se como uma das alternativas emergenciais no que concerne ao desenvolvimento e continuidade do ensino e aprendizagem não somente na UFT como em outras universidades e escolas pelo país. No dia 18 de março de 2020, a Universidade Federal do Tocantins, em nota oficial, com base na portaria nº 343, de 17 de março de 2020 do Ministério da Educação (MEC), estabeleceu orientações acadêmicas quanto a à suspensão das atividades acadêmicas.

Em seguida, como a ocasião determinava momentos de reflexões metodológicas, no artigo segundo da resolução, algumas possibilidades foram apresentadas:

[...] em caráter excepcional, em substituição às atividades acadêmicas teóricas presenciais, poderão ser adotadas uma ou mais das seguintes medidas, após ciência da coordenação de curso e direção de câmpus:

- I. Substituição por atividades domiciliares, planejadas, sob a orientação de acompanhamento do professor, conforme exemplos que se seguem:
 - a. Listas de exercícios objetivos e/ou subjetivos;
 - b. Atividades tutoriais: estudo dirigido; orientação de leituras;
 - c. Elaboração de portfólios; resenhas; resumos ou trabalhos acadêmicos;
 - d. Participação em fóruns ou discussões acadêmicas *online*;
 - e. Interação com os alunos por meio de mídias digitais e ambientes virtuais de aprendizagem.
- (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, 2020).

Todas essas orientações citadas acima, acrescidas de outras disponíveis na medida instrutiva nº 2/2020, seriam realizadas via Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), *Moodle*. Percebe-se que até aquele momento, a UFT não estipulava o ensino remoto como modo efetivo de ensino, mas já se pensava algo para evitar desistências e dar continuidade ao que vinha sendo feito. Entre os meses de março e início de outubro de 2020, as aulas na UFT ficaram suspensas, sem realização, inclusive, de atividades virtuais, devido a vários fatores socioeconômicos envolvendo os estudantes. No entanto, no dia 08 de outubro a universidade publicou a Resolução de número 28, que dispôs “acerca das Diretrizes Gerais para o desenvolvimento das

atividades acadêmicas da UFT, Ensino Remoto (*Online*) e Ensino Híbrido, durante o período emergencial decorrente do coronavírus (Covid-19)” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, 2020). A resolução está em consonância com a Medida Provisória de nº 934, de 1º de abril de 2020, que estabelece normas excepcionais sobre o desenvolvimento do ano letivo da educação básica e superior. No que diz respeito ao ensino superior, esta lei determina:

As instituições de educação superior ficam dispensadas, em caráter excepcional, da obrigatoriedade de observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho acadêmico, nos termos do disposto no caput e no § 3º do art. 47 da Lei nº 9.394, de 1996, para o ano letivo afetado pelas medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 2020, observadas as normas a serem editadas pelos respectivos sistemas de ensino. (art. 2, MPV 934/2020).

Assim, antes de estipular as diretrizes para o retorno as aulas de forma remota, a UFT, através de seus colegiados, realizou diversas reuniões entre março e outubro com o objetivo de refletir sobre os efeitos da pandemia no desenvolvimento das atividades dos cursos. No dia 31 de março, em decisão tomada pelo Consuni³, foi suspenso o calendário acadêmico, e deliberado sobre dois pontos: a possibilidade de realização de atividades complementares, porém elas não deviam ser obrigatórias; e que as monografias passariam a ser oferecidas como *home office* para não atrapalhar na colação de grau daqueles prestes a se formarem. No caso do curso de História, o regimento do TCC foi alterado, ficando decidido que a elaboração de monografia, artigo, plano e aplicação de aula, memorial de estágio, relatório de experiência em ação de extensão seriam validados para a formação integral do curso.

Outras reuniões ocorreram antes do dia 13 de outubro de 2020 quando se deu o retorno remoto das aulas. Nelas foram discutidos temas como calendário complementar, necessidade de qualificação dos professores, qual o tempo ideal de uma aula remota, qual melhor plataforma, monitoria digital, compra de equipamentos etc. Assim, quando as aulas iniciaram no dia 13/10/2020 já se tinha decidido pela utilização do *WhatsApp*, *e-mail* e *Google Meet* para a realização de aulas e atividades. Foi ainda destacado que não deveria ser utilizado o *Instagram* e o *Facebook* para o desenvolvimento das aulas, já que nem todos os estudantes tinham acesso a essas mídias sociais, tornando as participações nas aulas inviáveis.

³ Conselho Universitário: órgão deliberativo supremo da UFT destinado a traçar a política universitária e atuar como instância de deliberação superior e de recurso.

PANDEMIA E EXPERIÊNCIAS FORMADORAS

Com a pandemia, no âmbito individual e sociocultural, os entrevistados tiveram diferentes experiências positivas e negativas, mas formadoras no sentido humanizador. Como define Josso (2004, p. 48) “o conceito de experiência formadora implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação”. Nesse sentido, compreendemos essas experiências, no campo da formação de acadêmicos de licenciatura da Universidade Federal do Tocantins (UFT), nas suas mais variadas expressões.

A alteração do projeto de pesquisa, devido a necessidade de realizar o distanciamento social, foi uma das situações vivenciadas e relatadas pelos acadêmicos que contribuíram com essa pesquisa. Os historiadores Daniel Alencar e Gabriel Queiroz tiveram de modificar tema e metodologia de suas pesquisas caso quisessem se formar no período da pandemia. Daniel relatou como foi essa mudança:

Meu primeiro tema de TCC era para falar sobre os muçulmanos em Araguaína, porque no frigorífico em Araguaína tem a pessoa que ele exporta, ele faz exportação de carne para fora do país, países árabes [...] E eu ia estudar esse ritual que é o abate Halal. [...] aí veio a pandemia e acabou. Aí eu tive que mudar, aí eu pensei, eu trabalhei um ano mais ou menos na Câmara Municipal de vereadores [...] eu lembrei que tinham muitos projetos de lei que as igrejas protestantes faziam doando lote; o próprio executivo fazia doando lote para a igreja protestante. Aí eu pesquisei, achei lá um monte de projetos, analisei esses projetos que beneficiavam diretamente as igrejas protestantes. (Daniel Alencar, entrevista realizada em 26/05/2020)

Ao narrar como foi o processo de mudança de seu tema de pesquisa, Daniel Alencar evidenciou as dificuldades que encontrou para manter a temática original por não poder visitar o frigorífico ou conversar com os funcionários que realizam o ritual do abate *Halal*. Desse modo, o acontecido se tornou uma experiência a ser vivida e levou o estudante a refletir sobre o ocorrido e seus desdobramentos (JOSSO, 2004).

Da mesma forma, devido a pandemia, Gabriel Queiroz alterou sua metodologia e passou a usar o *WhatsApp* como meio de comunicação entre ele e as entrevistadas. Ele diz: “Mudar de tema foi de fato decepcionante, essa poderia ser a palavra, seria possível fazer de outro jeito? Sim, mas presencial fazia parte da própria metodologia que eu organizei, metodologia do Paulo Freire, metodologia de investigação consciente” (Gabriel Queiroz, entrevista realizada em 21/05/2020). Gabriel Queiroz ao expor sua chateação, deixa destacado que naquele momento em que a pandemia estava em seu auge a única forma de dar continuidade a pesquisa seria por meio do uso de plataformas que conectassem pessoas distantes espacialmente umas das outras.

Assim, foi necessário que ele criasse e recriasse estratégias para dar continuidade as suas pesquisas.

Diferente dos dois primeiros entrevistados acima citados, as outras quatro pessoas não tiveram esse problema com relação à pesquisa durante a pandemia, já que mesmo trabalhando com história oral as entrevistas já foram realizadas antes de tudo começar. Desse modo, quando chegou o momento da pandemia todos estavam debruçados sobre suas fontes analisando e vivenciando o tempo da escrita. Daniel Leda trabalhou com livro didático e análise de imagem das mulheres indígenas; Maria Santos estudou mulheres umbandistas e seus cotidianos; Josiel Ferreira trabalhou com os atingidos pela barragem; e Kirk Patrick analisou observações de viajantes acerca do Rio Tocantins.

Além das dificuldades com a própria pesquisa, todos foram questionados sobre o processo de saída das aulas presenciais para iniciar o ensino remoto e como foi a adaptação. Gabriel Queiroz comentou que para ele o mais difícil foi a demora por parte da universidade em definir como se daria esse modelo de ensino e iniciar as atividades: “Foi tudo novo e muito rápido e ao mesmo tempo demorou muito, a gente foi ter aula em outubro depois de março” (Gabriel Queiroz, entrevista realizada em 21/05/2020). Muito semelhante a experiência de Gabriel, e fazendo referência à demora por parte da UFT em retomar as aulas, Daniel Leda falou da dificuldade que foi continuar estudando enquanto nada era definido sobre o retorno. Assim, para não perder o ritmo, ele comenta:

[...] eu fiquei alguns dias em Araguaína pensando que poderia terminar logo, só que até hoje não terminou. E aí eu fui fazendo o que? Fui tentando continuar estudando, porque eu sabia que se eu parasse ali, eu não conseguiria retomar o que eu estava ali focado. A gente sabe que esses estudos teóricos do curso de História requerem um pouco mais de atenção, de leitura. Eu buscava, digamos estar atualizado nessa questão das leituras, teorias, metodologias. Então, digamos que esse período de março de 2020 até junho, julho antes das aulas remotas começarem, antes disso eu procurei ficar ali com minhas leituras. (Daniel Leda, entrevista realizada em 28/05/2020).

Além dessa dificuldade, o estudo solitário ou o estudar sozinho foi lembrado por Daniel Leda, Daniel Alencar e Maria. Daniel Leda foi o mais enfático quando recordou que estudar, muitas vezes, já é um processo solitário, mas que com a pandemia

[...] me senti muito solitário. Eu lia um livro, achava interessante, mas com quem que eu vou compartilhar isso? Primeiro que aqui por exemplo, meu pai está trabalhando fora, minha mãe tem as aulas dela para preparar, tem casa para cuidar. Então o acadêmico acaba se tornando solitário, então creio que o maior problema foi esse, porque você não consegue rendimento [...] mas também você se sente muito mais solitário, como se você fosse excluído do mundo acadêmico, por que primeiro você tem que ficar em casa e às vezes muitos outros acadêmicos

não tem nem o local para poder executar essas aulas *online* e você se sente solitário, você se sente sozinho no mundo (Daniel Leda, entrevista realizada em 28/05/2020).

A referência para os estudantes, até então, era de um estudo presencial, com um local físico para encontrar os colegas, trocar experiências, e socializar. Sabemos da importância que os processos de socialização têm para a formação de estudantes. Assim, percebemos que quando fazem menção ao ensino presencial e o que tem agregado a ele, eles estão mobilizando o que Josso (2004, p. 40) chama de “recordações-referências”, isto é, “dizer, de imediato, que elas [as experiências] são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação”. Nesse sentido, interação social e aprendizagem são concebidas como estritamente relacionadas. Contudo, com a pandemia essas recordações-referências tiveram que passar por um processo de reinvenção com o saber-fazer, e novas vivências se tornaram referências, em comparação com outras recordações.

Essa preocupação com a solidão e a ausência de contato com os colegas está diretamente ligada a questão de que somos seres com múltiplas possibilidades de existencialidade singular-plural e de pensar, agir e viver juntos (JOSSO, 2007). Isso reflete no estar com o outro: uns com os outros e um para o outro; evocando assim o ser-no-mundo que surge após a obtenção da experiência refletida e tornada formadora. É necessário, assim, pensar as diferentes facetas existenciais que integra os diferentes registros do pensar humano e as diferentes dimensões do ser no mundo. Josso nos diz

O que está em jogo neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao longo da nossa vida, mas sim tomar consciência de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito [...] permite a pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida [...] as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar [...]. (JOSSO, 2004, p.58)

É necessário, portanto, que consigamos compreender que passamos por processos e mudanças, e que é preciso buscar aprender e a se refazer com as diferentes circunstâncias.

Foi a partir do acesso e manejo das tecnologias digitais, assim como ler textos em formato PDF, a falta dos textos físicos e dos livros da biblioteca que a ideia do se refazer ou do próprio aprender a fazer surgiu durante as entrevistas realizadas. Maria dos Santos e Josiel Ferreira falaram da dificuldade de se adaptar a essa nova realidade virtual. Josiel relatou que teve que mudar o plano de internet de sua casa,

Eu senti muita dificuldade, mesmo eu tendo contato com os meios eletrônicos, eu tenho dificuldade às vezes. Você vai mandar algo e não vai, você abre e já travou, o seu programa não é compatível, mas assim... eu não culpo ninguém, nem professor, nem universidade e

nem nada assim, porque eu sei que foi um momento atípico e ninguém estava preparado para isso. [...] Eu vou te falar logo, eu mudei o plano de internet aqui de casa, computador, foi outro computador, celular eu tive que trocar, tudo porque tive que arrumar algo melhor. (Josiel Ferreira, entrevista realizada em 05/07/2021)

Já Maria, devido morar em uma região que tem dificuldade de acesso à internet, nos disse:

Quando eu comecei a escrever [o TCC] eu usava muito a biblioteca da UFT, mas aí entrou a pandemia. Senti muito devido essa pandemia, senti dificuldade bastante, uma porque eu não tenho internet, eu não tenho WiFi aqui, eu uso Wi-Fi da vizinha, aí era feito assim por internet, era na brutalidade. Eu digo brutalidade assim, que era na escrita, depois passava para a orientadora e tudo, foi tudo assim, quando eu queria passar algo para ela primeiro eu corria na Lan house. Aí no tempo cobravam até 3 reais [...] não foi fácil, mas a minha sorte foi que só faltava isso, só faltava a monográfica, eu fiz o bacharel e a monografia, eu tive muita dificuldade com a internet. (Maria Santos, entrevista realizada em 03/07/2020).

Mas diferente deles, vamos ter pessoas que não tiveram dificuldades com a tecnologia como foi o caso de Daniel Alencar, Gabriel Queiroz, Kirk Patrick e Daniel Leda. Eles relataram apenas algumas falhas na conexão, mas nada que atrapalhasse nas aulas. Daniel Alencar e Kirk contaram que não tiveram dificuldades no acesso as tecnologias digitais, porque já trabalham com essas plataformas em seus empregos. Kirk ainda acredita que sua facilidade tenha se dado, porque só faltava o estágio e o TCC. Apesar das dificuldades de uns e facilidades de outros, uma reclamação foi recorrente na entrevista com todos: a falta de contato com os colegas e com os professores.

Todos recorreram às suas memórias mais recentes para contar como era o dia a dia na sala de aula e fora dela junto com aqueles que compartilhavam da mesma experiência acadêmica. Desde debates durante as disciplinas, passando pelos bate papos no espaço de convivência, até o sagrado refrigerante ou café de todos os dias, tudo mostra como a aprendizagem envolve, para eles, mais que técnica, métodos e conteúdo; envolve também parcerias, amizades, relações de afeto, por fim, humanização. Assim, o docente Daniel Alencar nos disse:

As atividades de seminário a gente se reunia no sábado à tarde. Então, assim, fazia lanche, tinha aquele momento de confraternização além de estudamos ali, [tinha] bate o papo ali na área de convivência. No sábado à tarde, estudando, tomando ali um refri, conversando, um ajudando o outro. Nos intervalos das aulas, a gente saía para a cantina, demorava ali, aquilo era gostoso [...] um ajudava o outro presencial. E por WhatsApp, pelos meios digitais não é a mesma coisa. Você às vezes na correria esquece de mandar mensagem, esquece de conversar com o colega, perguntar como está, às vezes só conversa quando você tem dúvida de alguma coisa. (Daniel Alencar, entrevista realizada em 26/05/2020)

Josso (2007) afirma que é por meio do ser de sensibilidade que se exprimem todos os laços agradáveis e desagradáveis, e eles se manifestam em todas as atividades realizadas por nós com os outros. Assim, podemos observar que os estudantes reforçam a importância do contato com o outro; contato esse aqui compreendido como laços de apego, laços de afinidade e de interesses, laços de lealdade e fidelidade. Para a autora, esses três laços exercem forte impacto na formação das sensibilidades, das ideias e das crenças. É no campo, ainda da sensibilidade, que Gabriel afirmou:

Na aula não presencial parece que há uma desmotivação. Tinha alguns dias que nossa... E não era a preguiça de ir para a aula, mas uma desmotivação, porque é tão bom estar juntos com os colegas. Vou aqui materializar um pouco de Paulo Freire. Ele fala que o diálogo é o encontro dos homens e o encontro dos homens a partir do diálogo é humanizador e sobretudo na aprendizagem. (Gabriel Queiroz, entrevista realizada em 26/05/2021)

Ao trazer Paulo Freire para sua fala, Gabriel parece procurar mostrar uma preocupação com o sentido humanizador do ensino remoto, uma vez que para ele esse sentido só seria possível alcançar, ou ao menos em sua forma próxima do ideal, quando se tem contato e trocas entre pessoas de forma presencial. Ou seja, o diálogo humaniza os sujeitos, reforça a importância da vivência em grupos. Assim, quando os estudantes comentam sobre esse vazio e solidão pela falta de contato com os colegas, eles estão nos chamando a atenção para o ser de sensibilidade que também os compõe enquanto ser-no-mundo, ou seja, nos mostram que o ser vai além da carne, do físico, além do racional, de um ser de atenção consciente. Nos mostram que a existência é singular-plural (JOSSO, 2007); existe o Eu, existe o Outro, e existe o Eu na relação com esse Outro.

É justamente nessa relação com o Outro que os estudantes mostraram durante as entrevistas o medo de ser contaminado, de contaminar, de morrer e de perder seus amigos e familiares para o Covid-19. Vale ressaltar que a preocupação dos entrevistados com a saúde física e mental encontrava respaldo nos casos crescentes de contaminados e mortos no Brasil.

Sobre esse medo vinculado a perenidade do corpo, podemos pensar, a partir de Marie-Christine Josso, como se dá a relação do ser-no-mundo com essa parte física do Ser. Segundo a autora, o Ser de carne é um dos principais seres que compõe o ser-no-mundo, ao lado do Ser de atenção consciente. Isso porque “o ser de carne, é ao mesmo tempo, o ‘habitação’, o suporte, a base, a condição da manifestação das sete outras características” (JOSSO, 2007, p.425) da nossa existência. Assim, ele está pautado nas falas quando se trata da saúde e da doença, da maternidade e paternidade, da fadiga, do cansaço etc.

Desse modo, a falta de contato, o isolamento social, as incertezas sobre a doença geraram medos que efetivamente atingiam a carne e atingiam a matéria. Todos os entrevistados relataram o medo de contágio, tanto deles quando de seus entes queridos, e neste momento, os

laços de parentesco passaram a ser evocados de modo significativo no ponto de vista da formação deles enquanto professores. Começaram a contar como diversas pessoas dos círculos mais próximos a eles ajudaram a chegar no atual estágio que estão na academia. As histórias marcadas pela gratidão se mesclavam com o medo de perder essas pessoas e de quem sabe elas não chegarem a ver eles formados.

Para além das dificuldades encontradas pelos estudantes durante o ensino remoto, a possibilidade de acesso as aulas diretamente de suas casas e a participação de eventos *online* foi destacada por eles como pontos positivos desse novo formato de ensino. Josiel reforça que “(...) se o aluno teve alcance aos meios de comunicação, internet boa e tudo, teve muito curso, teve muito evento. Eu sei que eu assisti vários”. (Josiel Ferreira, entrevista realizada em 05/07/2021). Sua fala é acompanhada de uma reflexão e compreensão de que os eventos acadêmicos são de suma importância para a aquisição de novos conhecimentos, e que além de promoverem a reflexão, possibilitam que os estudantes tenham contato com novos temas e novas perspectivas.

Kirk Patrik também destaca os eventos on-line como pontos positivos:

São possibilidades que agora aparecem. São possibilidades de fazer disciplinas com outras universidades, *lives* que a gente sempre tem constantemente com professores de diversos lugares do Brasil, que muitas vezes a gente só teria chance de encontrar em um grande encontro nacional e a gente pode ter essas aulas aqui e ter debates muito frutíferos (Kirk Patrik, entrevista realizada em 03/07/2021)

O ensino remoto deixou, desse modo, novas reflexões, perspectivas e possibilidades até então não imaginadas pelos estudantes. Todas as experiências vividas, em seus mais variados âmbitos, durante a formação na pandemia, começaram a ser levadas em consideração pelos estudantes para o docente que estavam se tornando. Daniel Alencar destacou que

Essa questão mais do ser humano de valorizar a vida, nesse momento, dá para refletir quantas pessoas que a gente conhece que morreram, perderam suas vidas. Então, eu acho que eu tenho que levar para a sala de aula ser mais pessoa, mais humano [...]. Nesse momento da pandemia eu refleti, estou refletindo sobre isso, como a gente vai lidar com esses alunos durante esse período de pandemia e pós-pandemia, como a gente vai levar o conhecimento sem que você perca aquele aluno por medo, por uma dificuldade, por uma perda. Quantos alunos vão dizer que perderam alguém, perdeu um tio, um avô, um pai, uma avó. Eu estava até pesquisando uma Pós para fazer que fala justamente desse momento, ele prepara o professor para lidar nesse momento remoto nas aulas remotas [...] preparar o professor para lidar com diversas situações dentro de sala de aula com os alunos, justamente porque a maioria deles vai ter uma história traumática. (Daniel Alencar, entrevista realizada em 26/05/2021).

A preocupação com o professor que será e os desafios que encontrará está presente na fala de Daniel Alencar, mas essa perspectiva de planos futuros ainda é menor quando comparada as reinvenções e descobertas sobre modos de estudos. Maria, Josiel e Kirk trazem em suas falas algumas das mudanças que tiveram durante a finalização da formação no período da pandemia.

Maria contou até em tom descontraído que teve “que pegar tudo por mim mesma, fazer minhas próprias interpretações (...) eu até falava sozinha, falava com os autores, nós contávamos papo até umas horas” (Maria Santos, entrevista realizada em 03/07/2021). Josiel Ferreira relatou suas dificuldades na leitura, porque “ler em PDF, cara, eu sou mais o livro e eu tenho tanta apostila aqui em casa que vai para o lixo, porque eu aprendi a ler em PDF, apesar de eu ainda ter uma resistência, mas foi algo... eu também tive que apresentar trabalho sozinho”. (Josiel Ferreira, entrevista realizada em 05/07/2021)

Se Josiel enfatiza a questão da leitura, do material físico *versus* o digital, Kirk Patrick, detalhando o que Maria apresentou, lembrou dos problemas que existe em relação ao ensino remoto. Ele demonstrou preocupação com a possibilidade de concluir seu mestrado sem conhecer o campus onde estuda atualmente, mas reflete a importância que está sendo conseguir viver essa nova oportunidade

[...] corre o risco de eu estar fazendo esse mestrado e nem pisar em Porto Nacional para fazer a defesa [...] mas é uma possibilidade. Se você for perguntar, é bom, é positivo. Eu vou dizer para você, como eu trabalho numa instituição financeira que visa o lucro acima de tudo e que em momento algum me concederia uma bolsa e sequer o tempo para eu fazer o mestrado em humanidades. É a oportunidade que eu estou tendo e estou tentando agarrar ela de todas as formas possíveis (Kirk Patrick, entrevista realizada em 05/07/2021).

Assim, vemos com a fala de Kirk como ele consegue perceber que a experiência da pandemia tem dois lados opostos, e como é possível refletir e aprender com eles. Ou seja, ainda que ele retome a importância da presença física na instituição de ensino, e por consequência, com seus colegas e professores, ele também percebe que a pandemia abriu a possibilidade de fazer mestrado sem precisar se ausentar da cidade e até mesmo do serviço. É desse modo que Josso (2007) compreende as experiências formadoras, como evocadoras, dentre outros seres no mundo, do ser de emoções. Ele está diretamente ligado ao ser de sensibilidade, que proporciona reflexões e sentimentos por vezes contraditórios, por vezes prazerosos e/ou de frustração, irritação ou desgosto. É através dele que ficamos felizes quando conseguimos conquistar algo ou ficamos tristes quando vemos algo que gostamos sendo destruído.

Essas emoções foram evocadas de modo mais específico quando os estudantes tiveram que lidar com as mudanças das experiências referenciais deles. Eles passaram pelo que Josso (2004)

chama de momentos-charneiras, ou seja, momentos divisores de águas. As recordações-referência de todos para os encerramentos de ciclos estudantis são as formaturas, e elas tem como referencial serem presenciais e com a presença de amigos e familiares. No entanto, durante a pandemia isso precisou ser ressignificado e foi necessário compreender que é possível criar uma outra recordação-referência, mesmo que isso de início evoque sentimentos pouco positivos.

A chateação é uma das emoções mais recorrente na fala dos entrevistados. Essa espécie de frustração é relatada devido a impossibilidade da formatura e da defesa do TCC ocorrer de forma presencial; era o sonho de quase todo eles. Daniel Alencar, diante do impedimento causado pela pandemia, resolveu fazer uma formatura ao seu modo:

Marquei com um salão agora, um estúdio, eu vou tirar tudo. Eu vou mandar para vocês, eu vou tirar foto lá no estúdio, naquela cadeira [...] eu vou fazer isso, vou colocar um quadro bem grandão, tem que fazer. Mas foi triste essa parte, foi algo muito formal. Aquela coisa assim, poxa, eu sonhava desde que eu entrei na faculdade [...] a minha esposa ia fazer um cartaz, então não teve, mas a foto com a beca... isso eu vou tirar. (Daniel Alencar, entrevista realizada em 26/05/2021)

O mesmo sentimento foi trazido diversas vezes pelos outros entrevistados. Gabriel falou da sua vontade de renuir várias pessoas para compartilharem com ele o momento da sua defesa de TCC:

Qual era meu sonho? De algum modo, era ter minha formatura, meu sonho era ter a defesa do meu TCC aberta e presencial, eu queria chamar um batalhão de pessoas para assistir a minha defesa [...] O mais desafiador foi ter que aceitar que eu teria que concluir meu curso que foi quase que 100% presencial remotamente. A não possibilidade de defender meu TCC presencialmente, a não possibilidade de estar reunido numa possível formatura que era o sonho inclusive da minha mãe. (Entrevista realizada em 21/05/2020)

Gabriel traz em sua fala as expectativas que ele e a família tinham para o momento final da graduação, e como elas foram frustradas com o processo da pandemia. Daniel Leda e Josiel, em sintonia com a fala de Gabriel, destacaram a frustração que foi a forma como ocorreu a colação de grau. Ela se deu de forma virtual e após o preenchimento de um formulário recebido pelo e-mail institucional deles:

A colação de grau foi apenas uma mensagem. Você preenchia um formulário, aí tinha uma mensagem no final: parabéns por ter formado e tal. Gente, mas assim, é uma coisa tão... parece jogo, parece jogo *online* que você tem que fazer alguma coisa e concluir, parece jogo *online*. É muito estranho. A questão do TCC já tinha sido tão solitária, a questão de estudar sozinho, que eu vou fazer o TCC, entregar e não vou fazer defesa nem *online* [...] eu queria

sim poder formar, tirar aquela foto, ver todos os colegas que conseguiram se formar também comigo. (Daniel Leda, entrevista realizada em 28/05/2021)

A imagem abaixo é um print realizado por muitos estudantes desse momento após o preenchimento do formulário.

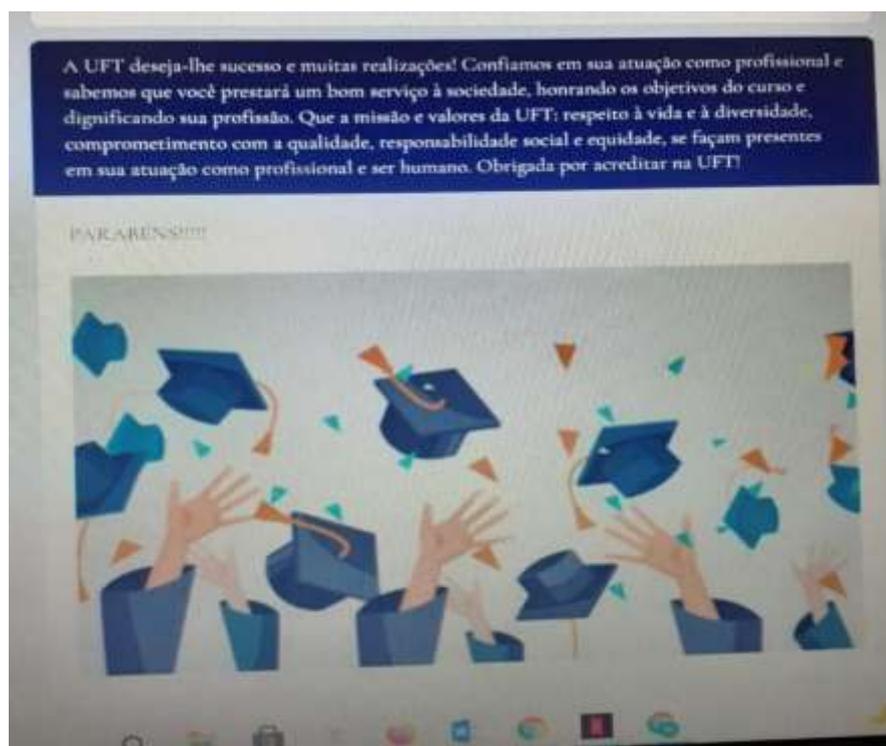


Figura 2.

Fonte: arquivo pessoal

Josiel descreve esse momento final com tristeza. Apesar de entender os contratempos, diz que não deveria ter sido assim porque é um momento único e ficará marcado em sua vida:

Foi foda, eu estava sentado aqui de pijama fazendo o juramento e sendo formado [...] mandei o formulário, aí eu comecei a ler, é só um formulário. Aí eu fui respondendo, por isso que eu falo que é importante a questão de ter o contato com os outros, a sua turma, é bom esse contato porque é certeza que se eu tivesse o contato eu ia dizer 'olha tu vai receber um questionário e aí lá tu vai fazer o juramento. Aí entra na parte que fala da instituição, aí responde e aí você agora vai ver lá embaixo de fazer o juramento'. Fiz o juramento e você aperta, aí sobe o scrap. Falei até pra minha esposa 'tira uma foto aí que eu tô colando grau'. Foi uma decepção aquilo ali, eu imaginava que a universidade ia fazer você pelo menos passar e pegar lá o canudo, sei lá. E olha que eu não gosto dessas formalidades, mas isso aí

mexeu demais, eu formei e foi só eu e um formulário (Josiel Ferreira, entrevista realizada em 05/07/2021)

A fala de Josiel deixa explícita a quantidade de emoções mobilizadas nessa experiência vivida por ele. Esses sentimentos possibilitam as transformações e o aprendizado, daí a necessidade de levarmos em consideração todos os processos de formação de alguém. “Em outras palavras, procurar ouvir o lugar desses processos e sua articulação na dinâmica dessas vidas” (JOSSO, 2004, p. 38) contribui para uma melhor compreensão da formação desses estudantes enquanto docentes.

Maria também falou sobre a formatura; de todos, ela pareceu ser aquela que melhor aceitou o modo como se deu essa reta final: “Eu queria formatura, mas eu encarei numa boa devido a realidade que a gente está vivendo, a gente deixa para uma próxima” (Maria Santos, entrevista realizada em 03/07/2020). Já Kirk demonstra certo pesar sobre o fato de não ter tido sua defesa de forma pública e a formatura:

O friozinho na barriga a chance de defender, de entrar naquela sala, te mandarem para fora e mandarem você voltar eu não vivenciei isso. Muito pelo contrário, eu produzi, mandei a escrita e os professores fizeram a leitura e mandaram a nota. É... ficou faltando isso, mas paciência, isso são circunstâncias e momentos. Em questão da formatura a gente alimenta esse desejo, afinal foram anos de leitura, a gente alimenta esse desejo de nossa família representar, nesse momento não foi possível. (Kirk Patrick, entrevista realizada em 05/07/2021)

Kirk enfatiza por algumas vezes a questão de ter alimentado desejos e expectativas. Esse processo de esperar e o imaginar é encontrado no que Josso chama de Ser de imaginação; aquele que se manifesta nos sonhos e projetos que serve como forma de orientação e de manutenção de novos sonhos. Todos os entrevistados trouxeram em suas falas sonhos e projetos que a pandemia modificou, mas que não os impediu de sonhar e imaginar novas formas de ser-no-mundo.

Gabriel contou sobre seus projetos: “Eu quero lecionar e quero o mestrado” (Gabriel Queiroz, entrevista realizada em 21/05/2021). Maria Santos também nos conta que

Primeiro eu estou planejando arrumar um serviço, futuramente quando começar a ganhar dinheiro, abrir uma salinha na minha casa para eu ajudar os alunos com aula de reforço, sem cobrar nada, com gosto, em forma de agradecimento também, porque eu queria tanto alguém que me ajudasse quando eu precisava. [...] Eu quero o mestrado, mas primeiro eu vou me planejar bem. (Maria Santos, entrevista realizada em 03/07/2020)

Daniel Leda, assim como os demais, contou sobre seus sonhos, mas prevendo que não podia planejar nada com muita antecedência por conta do período que vivemos: “Quero um mestrado no ProfHistória para poder ter mais essa etapa de formação (...) além de querer um concurso, porque essa questão de contrato é muito incerta”. (Daniel Leda, entrevista realizada em 28/05/2021)

Josiel também falou do desejo da docência e de uma continuação na sua formação. Ele diz que pretende “dar aula, e assim eu gostava muito de criança do ensino fundamental, mas eu sou mais para o ensino médio mesmo. Eu não tenho muita vontade de dar aula em universidade não” (Josiel Ferreira, entrevista realizada em 05/07/2021). Mesmo não querendo lecionar no ensino superior, Josiel diz que quer “fazer o mestrado e quero continuar e se permitirem quero fazer um doutorado sim, mesmo em História”.

Kirk, talvez por ser um dos primeiros entrevistados a se formar, falou da alegria que foi ter realizado um de seus sonhos que era entrar no mestrado. Ele ressalta que muitos o questionam pelo fato de morar em Araguaína e fazer mestrado em Geografia na UFT campus de Porto Nacional, mas ele é direto em sua resposta: “é a realidade da pandemia” (Kirk Patrick, entrevista realizada em 05/07/2021). Sobre seus planos com a docência, o historiador apresenta uma preocupação que ressoa em muitos:

Uma das primeiras questões que a gente pode pensar sobre ingressar é que eu não gostaria de ingressar como contrato, eu gostaria de ingressar como concurso [...]. A primeira coisa que a gente pensa é a realização do concurso para que a gente possa pensar na nossa estabilidade de certa forma, a segurança, né? E uma maior valorização (Kirk Patrick, entrevista realizada em 05/07/2021).

Apesar dos desafios, das angústias e dos “caminhos” alterados reverberarem nas falas de cada um destes estudantes que, hoje, são formados, as alegrias e os sonhos também ganham contornos quando se pensa o sentido de suas trajetórias no devir. O sonho de tomar posse em um concurso, de lecionar, de fazer mestrado e doutorado, ou seja, seguir estudando, é o que todos narram como horizonte de expectativa.

CONCLUSÃO

Compreendemos que as experiências formadoras sejam elas positivas ou negativas integram as reflexões e as ligações que fazemos com nós mesmos e com os outros. Os laços criados durante uma trajetória de vida favorecem esse trabalho de reconstrução da história da formação, e possibilita que tenhamos acesso ao ser-no-mundo plural e singular de cada sujeito. A autora

Marie-Christine Josso compreende que a completude desse ser é composta por oito seres: ser de carne, ser de sensibilidade, ser de ação, ser de emoções, ser de atenção consciente, ser de imaginação, ser de afetividade e ser de cognição. Contudo, ao entrevistar nossos sujeitos, percebemos que durante o processo de reflexão e saber-fazer deles, determinados seres eram mais evocados que outros.

A utilização da História Oral como metodologia principal permitiu que os estudantes contassem suas trajetórias de forma livre, ainda que temática, pontuando momentos e pessoas que foram marcantes para suas formações enquanto historiadores. Vimos como os estudantes tiveram que se reinventar, bem como a universidade. As aulas remotas tiveram que ser postas em prática para dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem, mesmo que fosse um desafio para muitos estudantes. Assim, elas foram vistas como experiências formadoras, da mesma maneira como a formatura, o isolamento, a pandemia, e o entrar e cursar uma graduação na UFT de forma presencial e sair virtualmente.

A pandemia acabou por desorganizar as estruturas, os rituais e os afetos nessas relações de ensino e aprendizagem. Produzir este trabalho se tornou um gesto formativo para nós e para os entrevistados. Como mostra Ramos Júnior (2019), é no diálogo com o outro que a História oral ajuda a nos (trans)formar e foi neste processo de produção que percebemos a pesquisa refletindo também no nosso processo formativo. Assim, nos percebemos enquanto um ser singular-plural vivenciando, observando, tendo consciência e refletindo sobre as experiências do ensino remoto e os seres no mundo que estavam sendo evocados durante as entrevistas, durante a escrita do texto e durante a conclusão do curso.

A pesquisa, ao final de tudo, trouxe-nos o sentimento de que as experiências formadoras propostas por Josso (2004) devem ser compreendidas como uma possibilidade de se reinventar, ainda mais quando a questão envolve o processo de ensino e aprendizagem em um contexto de pandemia. Investigar, avaliar, refletir, ressignificar e adaptar-se são eixos fundamentais para compreender não somente os sentimentos humanos, como suas práticas e experiências vivenciadas diariamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Configuração do texto: Times New Roman 12, alinhamento à esquerda, espaçamento simples, inserir 1 espaço simples entre cada referência.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

AGUIAR, V. G. de; RAMOS JUNIOR, D. V.; COSTA, K. G.; DIAS, R. S. de L. S.;
Notificando o medo: cartografia e percepção da covid-19 na malha rodoviária na porção norte dos Vales dos rios Araguaia e Tocantins. **Hygeia**, p. 153-163, 28 jul. 2020.

CORMINEIRO, Olívia Macedo Miranda. **Trilhas, Veredas e Ribeiras: os modos de viver dos sertanejos pobres nos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins (séculos XIX e XX)**. 2010. 261 p. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia – Programa de Pós-Graduação em História. Uberlândia, 2010.

RAMOS JÚNIOR, D. V. Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História Ora. **História oral**, [S. l.], v. 22, n.1, p. 359-372, 2019. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/871>. Acesso em: 23 fev. 2022.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Trad. de Maria do Carmo Monteiro Pagano. **Educação**– Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

Painel Corona vírus. **CORONAVÍRUS**, Secretarias Estaduais de Saúde. Brasil, 2020. Disponível em: [Coronavírus Brasil \(saude.gov.br\)](http://saude.gov.br). Acesso em 19 out. 2021.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria B. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v. 27, 2020, p. 1-18.

SOUZA, E. P. de. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 17, n. 30, p. p. 110-118. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/7127>. Acesso em: 7 out. 2021.

FONTES DOCUMENTAIS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>. Acesso em: 07 out. 2021.

BRASIL. Governo Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 07 out. 2021.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Conselho Universitário. **Resolução nº28/2020, de 08 de outubro de 2020.** Dispõe acerca das Diretrizes gerais para o desenvolvimento das atividades acadêmicas da UFT, Ensino Remoto (*online*) e Ensino Híbrido, durante o período emergencial decorrente do coronavírus (Covid-19), Palmas: Conselho Universitário, 2020. Disponível em: <http://www.uft.edu.br>. Acesso em 18 de mar. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Pró-reitoria de graduação. **Instrução normativa nº02/2020, de 18 de março de 2020.** Estabelece orientações acadêmicas, aos servidores da UFT, quanto às medidas de proteção para o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19) Palmas: Pró-reitoria de graduação 2020. Disponível em: <http://www.uft.edu.br>. Acesso em 18 de mar. 2021.

FONTES ORAIS

ALENCAR, Daniel Pereira da Silva [35 anos]. Entrevista realizada em 26 de maio de 2020.

ARRUDA, Daniel Leda [22 anos]. Entrevista realizada em 28 de maio de 2020.

SANTOS, Gabriel Queiroz dos [22 anos]. Entrevista realizada em 21 de maio de 2020.

SANTOS, Josiel Ferreira dos [40 anos]. Entrevista realizada em 05 de julho de 2020.

SOUSA, Maria Santos de [43 anos]. Entrevista realizada em 03 de julho de 2020.

VULCÃO, Kirk Patrick Vulcão [38 anos]. Entrevista realizada em 03 de julho de 2020.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.